



CRIMÉA—INKERMAN.

Inkerman é um logarejo insignificante na famosa península em que hoje se peleja essa lucta de gigantes que traz a Europa suspensa e absorta. Nas suas immediações deu-se ainda não ha muito uma das mais sanguinolentas e das mais disputadas batalhas da presente guerra no Oriente; esta circumstancia deu celebridade a um sitio que sem ella não a teria de certo, e seria totalmente indifferente para o leitor.

O illustre principe Demidoff, auctor de uma obra interessantissima, que temos citado com o devido elogio, diz que a historia da Criméa sómente nos apresenta ácerca de Inkerman noções bastante vagas. Na opinião de alguns sabios chronistas, nos antigos tempos da Grecia, Inkerman achava-se em estado florescente sob o nome de Theodosia; outros pretendem que ella seja a Stenos da geographia dos gregos. Pallas, pelo contrario, parece disposto a acreditar que os genovezes foram os primeiros que se estabeleceram nas fragosas margens do Tchernaya.

A este rio, cujas aguas foram canalizadas para Sebastopol, chamam os russos *Tcherhaia-Retchka* (rio negro).

Da antiga povoação comtudo apenas restam algumas torres e paredes meio demolidas, e um grande numero de pequenas grutas alinhadas no flanco abrupto da montanha.

Os habitantes de Sebastopol, ou outros pontos da Criméa, quando por ali acertam de fazer jornada, evitam cuidadosamente demorar-se nos casebres de Inkerman, porque receiam, e com fundamento, a influencia malefica dos terrenos alagadiços que lhe são convisinhas.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

A EPOCHA D'EL-REI D. MANUEL.

O reinado do monarca a quem a posteridade deu o titulo de *Afortunado*, constitue uma das epochas mais notaveis da historia de Portugal, importante para o estudo, e importantissima para a gloria do paiz.

A necessidade de estender com a lança em punho o solo da monarchia nascente, essas longas e porfiosas guerras, que os reis da dynastia Affonsina tiveram a sustentar contra os mouros, fizeram duros e selvagens os costumes d'esses primeiros tempos. O soberano e o povo viviam, por assim dizer, nos campos de batalha. Nenhuma gloria, que não fosse a militar, era então ambicionada e querida.

Desprezadas as artes, caídos em triste abandono todos os ramos da industria, a guerra é que absorvia todas as attensões, que excitava todos os espiritos, que estimulava as ambições, e que dava emprego a todos os braços. A guerra era a verba principal da despesa publica, e a seu turno a grande fonte de receita para o estado.

Esse viver inquieto, e esse descuido quasi absoluto pela industria, trouxeram de envolta com a aspezeza de costumes uma frugalidade obrigada. O luxo era inteiramente desconhecido. Ainda quando a singeleza de costumes não o repellisse, obstava-lhe a falta das artes, e a pobreza publica. Quem visitar o castello de Guimarães, berço venerando do nosso primeiro rei, verá na estreiteza e humildade dos paços do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza a prova mais authentica do viver sem fausto d'estes sobe-

ranos. O estado de ruina em que se acham os aposentos reaes deixa formar uma idéa muito aproximada do que foram n'esse tempo.

Depois, quando os nossos reis, não vendo no solo de Portugal mais terras para conquistar a mouros, foram disputar aos filhos de Agar o senhorio d'Africa; quando as primeiras tentativas de navegação além das costas do paiz, e o contacto com os estrangeiros nos fôa pouco a pouco civilisando, vieram as discordias intestinas, senão embargar, pelo menos entorpecer o passo á civilisação. E quando o rei popular, a quem a historia conferiu o epitheto de *príncipe perfeito*, travando com a aristocracia lucta de vida ou morte, descarregou o derradeiro golpe no feudalismo, com que apagou o facho das guerras civis, vieram então as impressões de tão grave conflicto, que custou a vida a dous principes, lançar tristeza na côrte durante o resto do reinado de D. João II, tristeza que se augmentou ainda pelo tragico fim do príncipe herdeiro, filho unico do soberano.

Foi n'estas circumstancias, que surgiu uma epocha inteiramente nova para Portugal, que nos deu novas condições de vida, e que estabeleceu para todo o mundo novissimas relações sociaes.

Essa epocha foi a d'el-rei D. Manuel. Desassombrado d'esse espirito de resistencia, que até ali arcára peito a peito com o poder real, este soberano, ajudado da sua boa estrella, engrandeceu o paiz, e fez brilhar a sua côrte com toda a sorte de esplendores. A fortuna conduziu o seu pavilhão atravez de mares ainda não devassados, abriu-lhe as portas da India, franqueou-lhe as praias da America, e vasou-lhe nos cofres o ouro, os diamantes, as perolas e as especiarias da Asia, e do novo mundo.

O commercio renasceu, desenvolveu-se, organisou-se em bases solidas, e deu impulso e estímulo a algumas industrias. Em pouco tempo foi Lisboa o emporio universal. Então a riqueza originou o luxo, e este creou ou deu incremento e lustre ás boas artes.

Todo este brilho foi reflectir-se na litteratura, que se elevou e fulgurou como se elevára e fulgurára a gloria das armas. Em quanto Vasco da Gama ensinava á Europa o caminho da India; em quanto Pedro Alvares Cabral rasgava o véu que nos occultava o Brazil; em quanto João da Nova descobria a ilha de Santa Helena, Tristão da Cunha as de Ascensão e as outras que lhe tomaram o nome, D. Lourenço d'Almeida a de Ceylão, Abreu as Molucas, Rui Pereira Coutinho a de Madagascar; em quanto D. Francisco d'Almeida, Affonso d'Albuquerque, e tantos outros valentes capitães, plantavam na Asia, na Africa, e na America a arvore da civilisação europea; escreviam Duarte Galvão e Ruy de Pina as chronicas de nossos reis; preparavam-se João de Barros, Diogo do Couto, e Damião de Goes para eternisar com a sua elegante penna a ousadia d'aquelles navegadores, e as proezas d'aquelles guerreiros; creava Gil Vicente o theatro; desenvolviam-se os talentos de Sá de Miranda, que em breve deviam dar impulso á comedia classica, formando uma nova escola; e finalmente Bernardim Ribeiro, traçando no Parnaso lusitano a senda, que mais tarde devia trilhar ufano o immortal cantor das glorias de Portugal, cantava amores e saudades na sua lyra melancolica.

E o genio da poesia não só inspirou o apaixonado Bernardim; adejou tambem sobre a fronte, que concebeu a traça do grandioso monumento da descoberta da India; e dirigiu o escopro, que versejou, elegante e ousado, cinzelando no duro marmore tantas estatuas e emblemas, tão engraçados e variados ara-

bescos, rendas de tamanho esmero, silvados de tanto primor.

A epocha de D. Manuel, resplandecente de toda a casta de venturas, está retratada bem ao natural nos padrões, que nos legou da sua existencia. No mosteiro e torre de Belém, nas capellas imperfeitas da Batalha, no templo de Thomar acha-se escripta toda a chronica gloriosa do monarca afortunado.

Os emblemas e divisas graciosamente esculpidos no primeiro narram-nos essas emprezas gigantescas, que assombraram o mundo, que abriram de par em par as portas á moderna civilisação, a essa civilisação, que pouco a pouco tem posto em contacto todos os povos; a essa civilisação, que em nossos dias fez desaparecer as distancias para a expressão do pensamento e para a rapidez da acção, e que em breve fará de todas as nações uma familia, unida por laços de reciprocos interesses, e de íntima convivencia.

Esses mil historiados relevos, essas delicadas silvas e formosas flores por todos profusamente espalhados, mostram-nos a florecencia das artes e da litteratura; revelam-nos um periodo de mais brandura no trato, de mais suavidade nos costumes, de mais tranquillidade nos espiritos, e de mais gosos e commodidades na vida. Finalmente toda essa infinita variedade de brincados desenhos fallam-nos da alegre côrte de D. Manuel, dos esplendidos saraus do paço, dos autos de Gil Vicente, da affabilidade das damas, e da cortezia e galanteio dos cavalleiros.

Não possuíam pois os nossos monarchas até ao fim do seculo XV habitação digna da realza. O que nos resta do palacio d'Evora, e o que nos referem varios escriptores ácerca dos paços da Alcaçova, dentro do castello de Lisboa, e dos da Moeda, onde hoje se vê o Limoeiro, dão-nos uma idéa muito mesquinha d'essas residencias reaes, tanto a respeito de vastidão, como de magnificencia. O paço de S. Thomé, no sitio onde actualmente se acha o *arco das Damas*, e o de Santos Velhos, eram ainda inferiores áquelles. Foi portanto D. Manuel quem construiu o primeiro palacio com proporções adequadas á magestade de um monarcha.

Os paços da Ríbeira, aos quaes Filippe II accrescentou um elegante torreão, que se espelhava nas aguas do Tejo, se não sobresaíam pela belleza da architectura, avultavam comtudo pela sua vastidão. Aos de Cintra deu a grandeza, que ora têm, augmentando muito as obras com que el-rei D. João I melhorára e aformoseára aquelle palacio de origem arabe.

No interior dos aposentos reaes operou-se tambem mudança igual á que se introduzira nos costumes. A singeleza e austeridade, que até ali se retratavam nos salões, nos moveis, e nas alfaias, succedeu mais esmero nas decorações, maior elegancia nos ornatos. Os artefactos da India, e os que a Europa nos mandava em troca d'estes, vieram adornar profusamente as regias camaras. Vestiu-se a nudez das paredes de bellos pannos de raz, vindos de Flandres. Occultaram-se os humildes tijolos do pagamento com alcátiças da Persia, e cobriram-se os bufetes de porcelanas e vasos de prata de exquisitos lavores e formosos esmaltes. Finalmente todas estas galas eram realçadas pelo brilho de contínuas festas, pela alegria de uma côrte folgazã, e pelo reflexo da gloria de nossas armas, que refulgiam simultaneamente na Asia, na Africa, e na America.

Estas poucas linhas consagradas á epocha mais importante, sem duvida, mais gloriosa e mais poetica da historia de Portugal, não têm por fim desenharelhe as feições, nem mesmo traçar os contornos d'es-

se quadro grandioso. Servem simplesmente para mostrar quão interessante é o estudo d'este período, considerado em todas as suas relações. Levado pois d'esta idéa, parece-me útil divulgar o seguinte documento que interessa bastante á historia dos costumes d'aquella epocha.

Essa relação das alfaias que se continham na guarda-roupa d'elrei D. Manuel, deixa ver, guardadas as attensões aos tempos, o luxo e magnificencia de que usava este soberano. E note-se que todos estes objectos eram do seu uso particular, além de que tinha dado a sua filha, a infanta D. Beatriz, por occasião do seu casamento com o duque de Saboia, grande copia de ricas alfaias, e uma baixella de prata, composta de 118 peças, que pezavam perto de mil e setecentos marcos, mais preciosa ainda pelos primores artisticos, do que pelo valor intrinseco.

N'uma epocha em que o trigo valia de 15 a 20 réis o alqueire, e em que se mandava pôr em marcha um esquadrão de cavallaria para acompanhar de um ponto de reino para outro a quantia de trinta mil réis, aquella guarda-roupa encerrava uma grande riqueza.

Se se comparar a profusão de alguns objectos com o mesquinho numero de outros, conhecer-se-hão alguns novos usos, que se iam introduzindo, assim como o combate de um luxo nascente com a singeleza de costumes, que iam passando.

*Relação do que continha a guarda-roupa
d'el-rei D. Manoel.*

D. João por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, Senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia e da India. A quantos esta minha carta de quitação virem faço saber, que eu mandei tomar conta a Pero Carvalho, Fidalgo de minha Casa, do que recebeu da Guarda Roupá delRey meu Senhor e Padre, que santa groria haja, em onze mezes que começaram a desanove dias do mez de Dezembro do anno de 520, e acabarão a vinte e um dias de Novembro de 521; e pela arrecadação de sua conta se mostra receber estas cousas abaixo declaradas; a saber: dous aneis dourado com pedras: huma onça sete oitavas e vinte grãos daljofre: uma arquella de seda branca com labores dourado: sincoenta e oito adargas: hum agomil de prata: quatro açucareiros de prata: huma aredoma de prata: huma almarasa de prata: sincoenta e tres adargas: hum apito dourado e prata: desoito arcas: huma almofada de veludo cremesim: sincoenta e duas lanças d'mourisca: duzentos satenta e sete botoens dourado: duas bacias de barbear de prata: hum bernagal de prata: cento satenta e hum barretes de veludo e pano: hum brazeiro de prata: sinco bacios de servir de prata: dous bacios d'agua ás mãos de prata dourados: quatro bacios de pé de prata: dous barries de prata: huma boceta de prata: sattenta bandeirinhas de tafetá: nove bolsas de sortes: seis bacamartes: huma bandeja marchetada de raiz daljofre: dous bedeis: noventa e sinco contas dourado, as outenta e sinco com ambar e dez sem elle: seis canudos dourado: quatro pares de cerolhas dolanda: huma chamarra de veludo: duas cruces dourado: quatro colchetes dourado: duas cintas despada com guarnição dourado: oito castiças de prata: sinco colheres de prata: huma campainha de prata: sattenta e quatro chapeos de sortes: tres copas de prata: huma caldeirinha de prata: caçoulas tres de prata: sattenta e sinco cintas lavradas de fio dourado guarnecidas dourado e prata: sette camizas mouriscas: sattenta e huma camisas de vestir: qua-

renta e tres cordoens de costas, que servem na mourisca: oito cordoens dadargas: sassenta e sette escapellinhos da mourisca: huns cordoens de cavallo com sua topeteira: oito coifas de rede dourado: vinte e oito espadas guarnecidas dourado e prata: quarenta e dous estoques, os dous guarnecidos dourado esmaltados, e os quarenta guarnecidos de cobre dourado: descalfador de prata hum: duas escudelas de prata: hum espelho de prata de dous lumes: hum escritto-rio de prata anilado: dous escudos da India: hum ferro dourado esmaltado, que tem huma pedra: sattenta e oito fotas de seda, e pano: cento noventa e nove fundas de pano, que servem em terçados e espadas: tres forros de Doras de tafetá: quatro forros de pelotes de pano: huma guarnição dourado para sapatos: huma guarnição dourado de garrotea: sinco garfos de prata: huma garrafa de prata: trinta gorras de veludo e pano: corenta guarnições de retrós para adargas: quatro guarnições dourado postas em terçados: desasseis livros de rezar com guarnições dourado alguns delles: trinta e tres lençoes: huma maçam dourado e ambar: hum anel dourado: sessenta e quatro pares de mangas de damasco e setim da mourisca: tres mochilas de seda: duas mezas, huma dellas marchetada de prata: quatro rominas: cento e duas varas e meya de pano chantar: duzentas oitenta e quatro pontas dourado: huma porta paz dourado: huma peça dambar e ouro: quatro punhales, os tres guarnecidos dourado, e hum de prata: duas panellas de prata: hum pucaro de prata: huma poeira de prata: quatro porcelanas da China de prata: quatorze penteadores: quatro peças de pano Frórentin: settenta e huma de pano de Malines: sincoenta e seis penachos de sortes: duas peças de pano de guardalate: hum pelote de setim: outro pelote de damasco: hum relicario dourado esmaltado com huma reliquia: huma rezinga de prata: trinta e seis sombreiros de sortes: hum tachinho de prata: tres tavoletas dourado: corenta e sinco tailins guarnecidos dourado: sette terçados guarnecidos dourado: desanove toucas, e toalhas, que servem de toucas: humas tesouras de prata de espevitar: trintas toalhas de sortes: hum talabarte de ouro lavrado de fio dourado e guarnicom dourado: vinte terçados guarnecidos de prata: vinte e seis covados e meyo de veludo roxo: sinco xaréis de seda: vinte e dous lambeis: e outras cousas meudas conteudas na dita arrecadação, que recebo, se mostra despender per mandados del-Rey meu Senhor e Padre, que Santa groria haja, e meus, sem me ficar devendo como se mostra pela dita arrecadação, que foi vista per D. João da Silva, Conde de Portalegre Mordomo Mór de minha Casa; e por tanto dou por quite e livre ao dito Pero Carvalho, e a seus herdeiros e successores, que nunca em tempo algum por ello sejam requeridos, nem demandados, por assi ter dado conta com entrega como dito he. E mando ao Mordomo Mór de minha Casa, Provedor Mór de meus contos, a todos Corregedores, Juizes, e Justiças, a que o conhecimento pertencer, que assi o cumprão, e guardem sem lhe nello ser posto duvida, nem embargo; e para sua guarda e minha lembrança lhe foi dada esta minha carta de quitação por mim assignada, e assellada do meu sêllo pendente. Feita em Evora a onze de Maio. Bertolameu Gonsalves a fez anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e quinhentos e trinta e sinco annos: Digo descalfadores de prata hum, e não faça duvida no borrado e riscado, e entrelinha, onde diz hum, porque se fez por verdade.

EL-REY.

TABELLA DAS DIFFERENTES MOEDAS, CORRENTES NO REINO, QUE SE

METAL.	DENOMINAÇÃO DAS MOEDAS.	VALOR EM RÉIS.	PEZO ONÇ. OIT. GR.
OURO DE 22 QUILATES.	MOEDA.	4\$800	0 3 0
	MEIA MOEDA.	2\$400	0 1 36
	QUARTO DE MOEDA (QUARTINHO).	1\$200	0 0 54
	CRUZADO NOVO.	480	0 0 21 ⁵ / ₈
	DOBRÃO.	24\$000	1 7 0
	MEIO DOBRÃO.	12\$000	0 7 36
	DOBRA DE 8 ESCUDOS (DOBRA).	12\$800	1 0 0
	DOBRA DE 4 ESCUDOS (PEÇA).	6\$400	0 4 0
	DOBRA DE 2 ESCUDOS (MEIA PEÇA).	3\$200	0 2 0
	ESCUDO.	1\$600	0 1 0
	MEIO ESCUDO.	800	0 0 36
	QUARTO DE ESCUDO (CRUZADO).	400	0 0 18

NOTAS. (1) A casa da moeda do Porto foi restabelecida por carta regia de 18 de junho de 1688. A da Bahia, fundada por lei de 8 de março de 1694, segunda vez se mandou abrir por provisão do conselho ultramarino de 18 de março de 1714. A do Rio de Janeiro, transferida de Pernambuco, estabeleceu-se definitivamente por C. R. de 31 de janeiro de 1702. A de Minas Geraes foi instituida por C. R. de 19 de março de 1720. A moeda cunhada n'estas differentes casas distinguia-se pelas iniciaes P. B. R. ou M. com que era marcada.

(2) Os retratos para a nova moeda fabricada em virtude d'esta lei foram feitos por Antonio Mangin, abridor geral da casa da moeda de Lisboa, sobre os desenhos do insigne Vieira Lusitano. Mangin era francez de nação, nascido em 1690, e veio a fallecer no anno de 1772.

OBSERVAÇÕES. Para evitar o cerceo da moeda ordenou el-rei, por lei de 29 de novembro de 1732, que mais se não lavrassem Dobras de 12\$800 réis, *nem outra alguma moeda que excedesse o valor de 6\$400 réis*, prohibindo tambem que se cunhassem de 4\$800 réis, *pela confusão e enganoso que podiam causar*, e que assim em todas as de ouro que já corriam, como nas que de novo se lavrassem se usasse da mesma sarrilha que tinham as de prata.

A cunhagem das Peças e Meias Peças, Escudos e Meios Escudos, Quartinhos e Cruzados Novos continuou, *com o mesmo pezo e valor*, nos reinados dos senhores D. José, D. Maria I e D. João VI até ao anno de 1821.

A lei de 6 de março de 1822 elevando o valor do marco de ouro em moeda a 120\$000 réis, determi-

VIAGEM PICTORESCA À RODA DO MUNDO
E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO I.

Partida. — O Douro. Cidade do Porto. — O mar do norte. O Sunda e Copenhague. O Baltico e Stockolmo. — Aproximação do polo arctico. — Passagem do noroeste. — Entrada no oceano Pacifico.

Quem ha que se não lembrasse um dia de abandonar a terra natal, para correr sobre as vagas em busca dos paizes longiquos, cujas maravilhas tem ouvido descrever pomposamente? Quem não sonhou, ao menos uma vez na vida, com a vegetação tropical, recendente de arômas, em meio de uma eterna primavera, ou não entreviu, n'um momento de extasis, o espectaculo melancolico e solemne de uma aurora boreal, nos silenciosos géllos polares? Ninguém, por certo. E, todavia, sôa a hora da partida, aproxima-se a occasião de realisar o phantasiado projecto, que tantos gôsos promettia em imaginação, po-

rém occorre a idéa prosaica do conforto domestico que se vae perder, ergue-se o phantasma dos perigos e incommodos da viagem, desde o naufragio até ao enjôo, e fica-se em terra, vendo com prazer afastar-se do porto o navio em que tencionavamos embarcar! A tentação passou, é verdade, mas ha de voltar: não ha coração tão frio que deixe de palpar, escutando-a narração do viajante que recolhe de longa peregrinação, queimado pelo sol do equador, ou enregelado pela athmosphera do polo, que pinta ao vivo os prodigios das terras que percorreu, dos mares que sulcou, taes como nunca os haveis sonhado, nem sob a influencia do opio, nem mesmo no delirio da febre! O desejo de partir alevantar-se-ha de novo no vosso espirito, mais energico ainda; e só a prosa d'esta vida calculada e methodica que se arrasta no mundo convencional, que torna o homem indolente, estúpido e fraco, impedirá que entrouxeis as malas, e digaes adeus a estes logares tão conhecidos, a estas physionomias sempre as mesmas, a este ar que os vossos pulmões repellem, a este céu so-

CUNHARAM EM PORTUGAL E NO BRAZIL NO REINADO DO SR. D. JOÃO V.

DISPOSIÇÃO LEGISLATIVA.	LOCALIDADE.	REFERENCIA AS EST. DO T. IV DA HIST. GENEAL. DA CASA REAL.
Regimento da casa da moeda de 9 de setembro de 1686, mandado observar pelo sr. D. Pedro II, e lei do mesmo soberano de 4 de agosto de 1688.	Nas casas da moeda de Lisboa, Porto, Bahia, Rio de Janeiro, e Villa Rica de Minas Geraes (1).	Estampa V, n.º 160 " n.º 161 Estampa Y, n.º 171
Ordem do conselho da fazenda, de 29 de outubro de 1718.	Lisboa, Rio de Janeiro, e Villa Rica.	" n.º 172
Ordem do conselho ultramarino. Anno 1721.	Villa Rica.	" n.º 173 " n.º 174
Lei de 4 de abril de 1722 (2).	Lisboa, Bahia, Rio de Janeiro, e Villa Rica.	Estampa Z, n.º 183 " n.º 184 " n.º 186 " n.º 185 " n.º 187
Carta regia de 8 de fevereiro de 1730.	Villa Rica de Minas Geraes.	Estampa A A n.º 188

nou que as Peças ficassem valendo 7\$500 réis, e as Meias Peças 3\$750 réis, e que de futuro unicamente se lavrassem d'estas duas especies, cessando de ter curso legal outras quaesquer moedas que até então se tivessem cunhado. Estas disposições foram confirmadas por lei de 24 de novembro de 1823, a que se deu força e vigor por alvará de 5 de junho de 1824.

Com a promulgação da lei de 24 de abril de 1835, pela qual se estabeleceu a fôrma, pezo, valor e denominação das moedas *decimaes* de ouro e prata, não deixaram de ter curso legal as Peças e Meias Peças, cuja amoedação foi continuando, pelo que toca ás primeiras, até ao anno de 1837, com os cunhos porém de 1834, em attenção ás disposições d'aquella lei. A cunhagem das Meias Peças cessou inteiramente no anno de 1833.

Por decretos de 3 de março e 21 de abril de 1847 foi elevado o valor legal das Peças a 8\$000 réis, e o das Meias Peças a 4\$000 réis, saindo assim o marco de ouro em moeda a 128\$000 réis, valor que lhe fixou a lei de 15 de fevereiro de 1851.

Com o referido valor de 8\$000 réis, se lavraram ainda no dito anno de 1847, na casa da moeda de Lisboa, 809 Peças, com os cunhos de 1834.

Finalmente pelo artigo 2.º da lei novissima de 29 de julho de 1854, continuam as Peças a ser recebidas como moeda legal, e com o mesmo valor de 8\$000 réis, *com tanto que tenham o pezo de 44^{gm},188 (3^{oit} 68^{gr} $\frac{4}{100}$)* e as Meias Peças com o valor de 4\$000 réis, *com tanto que tenham o pezo de 7^{gm},094 (1^{oit} 70^{gr} $\frac{4}{100}$)*. A tolerancia ficou sendo, além d'isso, de 2 por mil em umas e outras.

(Continúa.)

bre cujo horisonte se eleva todas as noutes, invariavelmente, a estrella do norte!

Se houvesse um meio de combinar a commodidade domestica com o brilhante espectaculo das variadas scenas da natureza, ter-se-ia resolvido um grande problema... não é assim, amigo leitor? Pois encontraste o homem que obrará esse milagre. Sou eu. Sentado na tua cadeira á Voltaire, repoltreado em macio sophá, ou mesmo estendido no teu leito de penas, podes acompanhar-me n'um giro á roda do mundo: mostrar-te-hei diversissimos paizes, sem que te queime o sol dos tropicos, nem te gele o frio dos circulos polares; sem teres a temer borrascas, tufões, escólhos, nem mesmo o incommodativo enjão.... só se te enjoarem as palavras do officioso guia!

Vem, sem receio, bondoso leitor. Embarquem também, minhas senhoras, que nem um fólho se amarrará da vossa saia de damasco, não rasgareis as preciosas rendas que vos adornam tão graciosamente o vestido, nem se hão de desmanchar os *bandós* do vosso perfumado cabello. Esquecei os bailes, o theatro,

o infesado arvoredado do passeio, as flores e fructos que tendes cuidadosamente cerrados em ardentes estufas: vereis essas mesmas flores e fructos, com mais viço, com melhor sabor e aroma, crescendo ao ar livre, quasi sem cultura. Com que prazer vos reclinareis á sombra das mangueiras e caneleiras, aspirando o perfume suavissimo d'aquellas selvas embalsamadas; saboreando o delicado mangustão, o mimoso ananaz, ou o agro-doce bompite, ao som das endeixas de passaros de mil côres, que vos são desconhecidos, e que esmaltam o cocar da elegante palmeira onde pousam, ostentando o brilho de matizada plumagem, e desfructando a tepida aragem da tarde. Á noute vereis o céu recamar-se de estrellas, que vos apresentam novas e não sonhadas constellações; e balouçando-vos em elastica rede, um somno delicioso vos serrará as palpebras. Se vos agradam mais espectaculos de outra ordem, contemplareis o mar, ora embalado pela brisa, ora açoutado pelo bulcão, mas sempre magestoso; penetrareis n'esses palmares da Asia onde ruge o leão e o tigre, onde assobia a

serpente; cruzareis os desertos d'Africa e as suas lagoas, onde em vez de cisnes se banham hippopotamos; transporeis as cordilheiras da America; vereis por toda a parte a industria do homem, conquistando a terra aos outros animaes da creação, e deixando apenas em poder dos ursos e phocas essas phantasticas cidades de alabastro, que a mão de Deus collocou na visinhança do polo.

Notareis as diversas raças da especie humana: o gigante patagão contrastando com o pigmeu da Lapônia; a cor retinta do negro de Zanzibar dando mais realce á alvura do europeu; o chim de olhos obliquos, e a circassiana de olhar ardente; o japonês de nariz achatado, o indio cor de avelã, o malaio de tez cobreada, o taítiano macilento; e admirareis a diversidade de vestuários, de usos, de religiões e governos; a differença de climas, de temperaturas, de vegetação; a mulher aqui rainha, além escrava; o homem que compra e vende o seu semelhante: tudo que forma, em fim, o mozaico do universo.

Vedes aquelle esbelto barco, que além se balouça graciosamente sobre as aguas? É o *Protheu*, de systema mixto, que á vela e a vapor nos ha de levar aos confins do mundo. Nada ha a receiar quanto á sua solidez, e asseguro-vos que é andador como poucos navios. Saltemos ao escaler, leitor, e voguemos para o *Protheu*.

Olha como se espelha a pureza d'este céu de maio nas mansas aguas do Tejo; que bello tempo para começar uma viagem! O ferro está a pique; o canudo corôa-se do seu penacho de fumo negro e revoltoso; o panno está prompto a largar... Eia pois; venha acima a ancora, caça gaves, iça a bajarrona, e o helice que se volva em espiraes rapidissimas.

Adeus Lisboa... adeus Tejo... *Au revoir!*

Observa como a agua salta e espuma na prôa, abrindo-nos forçado caminho; como bate os flancos do navio, diligencendo esmagal-o; como se estorce em convulsões de impotente raiva na esteira que deixámos pela pôpa! Parece que a terra, as casas, as arvores, os homens fogem rapidamente de nós. D'aqui a pouco as mais altas montanhas se nos figurarão como uma mancha escura no horisonte, e o mar em toda a sua magestade se desenrolará diante de nós.

Vamos dar um giro á roda do mundo, aproximando-nos de cada um dos polos; mas não seguiremos a derrota d'este ou d'aquelle circumnavegador;

Por mares nunca d'antes navegados

passaremos ao noroeste da America, façanha debalde tentada ha mais de tres seculos; e depois de correr todo o oceano Pacifico até ao polo austral, volveremos pelo mar da India ao Atlantico, regressando ao ponto da partida.

Lá ficam pela pôpa as Berlengas; eis a embocadura do Mondego; sigamos para a barra do Douro, que é o nosso primeiro porto de escala. A segunda cidade do reino é pouco conhecida dos portuguezes do meio-dia; não será pois desagradavel ao leitor fazer-lhe uma pequena visita. Além de que temos de nos prover do excellente vinho do Douro, muito necessario nas regiões polares, segundo affirmam os navegadores d'aquellas frigiditas paragens.

A barra do Porto apresenta uma perspectiva magnifica. Deixando á esquerda o castello de S. João da Foz, e o farol de Nossa Senhora da Luz, e á direita o temivel cabedello, entrámos nas aguas do Douro, que se estorcem por entre as risonhas montanhas que lhe talharam o leito. Aqui está Miragaia, sitio immortalizado pelo lindo poemeto do sempre chorado

Garrett, e na outra margem do rio a antiga villa, d'onde é fama que nasceu o nome de Portugal. No fundo vê-se a celebrada serra do Pilar, e a elegante ponte pensil; a cidade elevando-se como em socacos sobre a encosta da esquerda, os mastros de muitos navios, e as velas de innumerados barcos que fazem a navegação do Douro. Se quereis abraçar n'um volver d'olhos a situação topographica do paiz, subi á formosa torre dos clérigos, que d'ahi enxergareis um quadro verdadeiramente magestoso. É o rio, que atravessa o terreno vinhateiro, e lambendo os cães da cidade vae misturar-se com as aguas do oceano; são as romanticas campinas do Minho; os logares historicos de Monte-Pedral, Antas, Bomfim, Cobello e tantos outros, que recordam as scenas heroicas e tristes de guerra fraticida; as collinas da Sé e da Victoria; cruces, campanarios, casaria; e sobretudo um movimento na população, como não encontraes em Lisboa. Para aproveitar o pouco tempo que aqui nos demorámos, ide á praça Nova (hoje praça de D. Pedro) visitar o palacete da municipalidade; e se tendes a bossa de antiquario pedi que vos mostrem o foral da cidade, e o primeiro auto de vereação da camara, e travareis conhecimento com os nossos avós de ha muitos seculos. Galgae a ladeira da Sé, e ao lado da tosea, mas provecta fachada do castello episcopal, encontrareis a colossal morada do bispo, que as bombas arruinaram antes de se lhe haver collocado a ultima pedra. Na cathedral admirareis uma capella forrada de prata, obra custosa pela materia e mais ainda pelo exquisito labor, e um quadro da Virgem attribuido a Raphael de Urbino. Porém não busqueis no caminho que conduz ao velho templo, aquelle arco de Sant'Anna, de que falla o rival de Camões; passou por ahi o nivel da civilisação, o flagelo da demolimania, e apenas, por milagre, ficaram de pé as janellinhas d'onde conversavam as duas boas amigas, Gertrudinhas e Anninhas. Visitae as igrejas do Carmo e de Cedofeita; a Lapa, onde jaz o coração de D. Pedro; a Trindade, recentemente concluida; a antiquissima parochia de S. Pedro de Miragaia; os espaçosos templos de Santo Ildefonso e Santo Antonio; os dous mosteiros de São Bento. Contemplae o hospital da Misericordia, que, se estivesse prompto de todo, seria um dos maiores da Europa; e tantos outros hospícios; e a medonha cadeia da Relação, de sinistra memoria; os cemiterios, os quarteis, a bibliotheca, o museu, o passeio de S. Lázaro, o alegre sitio das Fontainhas, a praça do commercio, o magnifico theatro de S. João, a escola polytechnica; e recomendo-vos que, atravessando o Douro, trepeis até á serra do Pilar, onde um espectáculo sublime vos espera.

Se a hora solemne do crepusculo vos surprehen-der n'essa altura, como me surpreendeu um dia, junto das pedras do templo solitario, que as balas não respeitaram; ao lado das baterias e fossos, que recordam uma heroica defeza; tendo diante dos olhos a cidade que se debruça sobre o rio em verdejantes collinas, e une a si Villa Nova de Gaia pelos fios da ponte suspensa; certo que a vossa alma se repassará de suave melancolia, e que bem a custo vos apartareis d'esse logar.

Longa, porém, é a viagem que empreendemos, e convém demorar pouco nos portos de escala para chegarmos ás regiões do Arctico no pequeno estio que lhes coube em partilha. Deixemos pois o Douro. Em breve diremos adeus á ultima terra de Portugal, na embocadura do Minho. Costeiemos a Galliza: cruze-se a temerosa bahia de Biscaya, e enxer-

gando o farol de Ouessant, approemos ao canal da Mancha, em busca do mar do Norte.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

EXPULSÃO DOS JUDEUS EM 1492.

Resoavam ainda nas ruas de Granada, e nas abobadas dos templos de novo consagrados ao christianismo os canticos de gloria com que se celebrava o triumpho da religião; quando a mesma mão que assignára o tratado de Santa Fé, tão liberal e generosa com os vencidos musulmanos, firmava um edicto pelo qual eram condemnadas á expatriação, á miséria, ao desespero e á morte milhares de familias que haviam nascido e vivido em Hespanha. Referimo-nos ao famoso edicto expedido a 31 de março, ordenando que todos os judeus não baptisados saíssem do reino e dominios no prefixo termo de quatro mezes, em cujo prazo lhes era permittido vender, escambar ou alienar todos os seus bens moveis e de raiz; prohibia-se-lhes, porém, que levassem do reino ouro, prata, ou qualquer especie de moeda.

Esta dura e cruel providencia contra os israelitas, tão contraria ao character compassivo e humano da bondosa Isabel, e tão contradictoria com as generosas concessões que o proprio Fernando acabava de outhorgar na sua capitulação aos mahometanos, devia ser irremissivelmente executada e cumprida, sob pena de confisco de todos os bens, e com expressa ordem a todos os vassallos de não acolherem, passado o dito prazo, em suas casas, nem socorrerem, nem auxiliarem de modo algum a qualquer judeu. Em virtude d'esta determinação, os desgraçados hebreus prepararam-se para fazer o penoso sacrificio de abandonar a patria em que elles e seus filhos haviam nascido, a terra que cobria os ossos de seus paes e avós, os lares em que haviam vivido ao abrigo da lei, e o solo a que, como os seus mais remotos progenitores, estavam ligados, para buscar ao acaso, em nações estranhas, uma hospitalidade, que não costumava conceder-se aos da sua raça, um canto em que pudessem occultar a ignominia com que eram expulsos dos dominios hespanhoes. O terrivel inquisidor Torquemada dardejava sobre elles as armas espirituaes de que estava provido, e por outro edicto de abril prohibia aos fieis todo o trato e relações, e ainda dar mantimento aos descendentes de Judá, passados os quatro mezes. Não havia compaixão para a raça judaica; contra ella prégava o clero nos templos e nas praças, e os doutores rabinos recorriam tambem á predica para exhortar os seus a manter-se firmes na religião de Moysés, e a soffrer com animo seguro a prova terrivel a que o Deus dos seus maiores expunha as suas erenças. Assim o comprehendeu esse povo indomito e teimoso, pois quasi todos preferiram a expatriação ao baptismo. Antes de cumprir o edicto, iam, como succedeu em Segovia, aos cemiterios, em que jaziam os despojos mortaes de seus paes, e ali passavam dias inteiros carpindo-se sobre as lousas dos sepulchros, e desfazendo-se em ternos lamentos.

Era natural que, resolvidos para sempre a abandonar os seus lares, aproveitassem a faculdade que o edicto lhes dava para salvar os restos da sua opulencia, e alienar seus bens. Porém a irrevogabilidade do prazo os obrigava a vender mal as suas propriedades, pois que, como em taes casos acontece sem-

pre, ninguém queria comprar senão por baixo preço, e o chronista Bernaldez nos diz que elle mesmo vira dar uma casa por um jumento, e uma vinha por um pouco de panno. Por outra parte, como lhes era prohibido conduzir ouro, prata e moeda cunhada, e só se lhes permittia transferir os seus haveres em letras de cambio, cresciam as difficuldades para o transporte de suas riquezas, e assim padeciam uma perda enorme. Em taes circumstancias, chegado o prazo da partida, muitos recorreram ao arbitrio de cozer moedas nos vestidos, nosapparelhos e chaireis das cavalgaduras, outros engoliam-nas, e as mulheres escondiam-nas onde o decoro não nos permite declarar.

Findo o prazo viram-se as estradas da Hespanha coalhadas de judeus, velhos, moços e creanças, homens e mulheres, orfãos e enfermos, uns montados em jumentos e mulas, muitos a pé, dando principio á sua peregrinação, e excitando já o dó dos proprios hespanhoes que os aborreciam. «A humanidade, diz um escriptor hespanhol dos nossos dias, não pôde com effeito deixar de apiedar-se, ao imaginar aquelle miseravel rebanho errante e desvalido, alongando os olhos para os sitios aonde deixavam as mais gratas recordações, onde descansavam os ossos de seus maiores, soltando profundos suspiros e sentidas queixas contra os seus perseguidores.»

Embarcaram para diversas partes, e em differentes pontos.

Os que passaram a Africa e terras de Fez, confiados em que achariam bom acolhimento entre os muitos correligionarios que ali contavam, foram os que experimentaram sorte mais desastrada. Accommettidos pelas tribus ferozes do deserto, não só foram despojados até do que levavam mais escondido, senão que aquelles barbaros sem Deus e sem lei rasgavam o ventre ás mulheres, que suspeitavam, ou talvez sabiam, que tinham engolido algum ouro, e juntando ao latrocínio e á crueldade a mais brutal concupiscencia, violavam as esposas e as filhas na presença dos desventurados e indefezos esposos e paes. Muitos d'aquelles infelizes puderam voltar ao porto christão de Ercilla, que na costa de Africa mantinham os portuguezes, aonde consentiram em receber o baptismo com a condição de os deixarem regressar á terra natal. Outros tomaram o rumo de Italia, e não pôde dizer-se que fossem menores os trabalhos e privações que lá passaram. «Em grande parte, pereceram de fome,» diz um escriptor genovez, testemunha da sua chegada a Genova: «as mães que apenas tinham forças para sustentar-se, traziam nos braços os famintos filhinhos, e morriam com elles... Não me deterei em pintar a crueldade e avareza dos patrões dos barcos que os transportavam de Hespanha, os quaes assassinaram muitos para saciar a sua cubica, e obrigaram outros a vender os filhos para pagar as despesas da viagem. Chegaram a Genova em bandos, mas não lhes consentiram demorar-se ali por muito tempo... Podiam tomar-se por espectros; tão macerados e cadavericos traziam os semblantes, e tão sumidos os olhos! não se distinguiam dos mortos senão na faculdade de mover-se, que apenas conservavam...» Os que foram para Napoles, em resultado de irem apinhoados em pequenos e immundos barcos, levaram comsigo uma enfermidade maligna, que fez muitas victimas em Napoles e em toda a Italia.

Não se enganaram menos miseravelmente os que preferiram recolher-se a Portugal, confiados nas informações que lhes haviam dado. El-rei D. João II concedeu com effeito licença para que entrassem no

reino até seiscentas famílias, pagando todavia outro escudo de ouro pela hospedagem, e sob condição de que, findo certo prazo, haviam de sair de seus domínios, ou ser considerados escravos. Mas logo, com pretexto de haverem excedido os refugiados aquelle numero, declarou escravos os que não pagassem o imposto, e mandou os mais para as ilhas desertas, chamadas então dos *Lagartos*, aonde contava que seguramente pereceriam. Seu cunhado e successor D. Manuel não foi menos duro e cruel com os que ficaram, obrigando-os a escolher entre a escravidão e o baptismo, e arrastando-os por força aos templos, o que fazia com que muitos proycassem de acinte as iras do monarca, até se tornarem merecedores da morte, que recebiam como allivio das suas tribulações, ou a procuravam por suas proprias mãos, ou se lançavam em poços para se não sujeitarem a uma lei imposta pela violencia.

Espalharam-se outros pela Grecia, Turquia e varias regiões do Levante, e outros estabeleceram-se em França e Inglaterra. «Ainda hoje,» diz um escriptor inglez, «recitam suas orações em lingua hespanhola n'algumas synagogas de Londres, e os judeus modernos recordam com vivo interesse a Hespanha, como terra querida de seus paes, e illustrada pelas mais gloriosas tradições.»

(Continúa.)

D. MODESTO LAFUENTE.



ECONOMIA DOMESTICA.

MACHINA DE LIMPAB FACAS.

Nas grandes hospedarias e nos navios que se empregam constantemente no transporte de passageiros, carecia-se de ha muito d'um instrumento pelo qual se conseguisse limpar facas e garfos, sem estragar os cabos de marfim ou osso, e dando aos ferros todo o acao e polimento desejavel. A machina que a gravura representa satisfaz plenamente aos fins indicados, alcançando-se por meio d'ella uma economia real, que não é pequena.

Nem só nas hospedarias e nos navios de transporte convem uma similhante machina; nos hospitaes e outros estabelecimentos publicos, a sua introdução importa um verdadeiro beneficio, e um melhoramento importante, pelo que respeita á perfeição e celeridade do serviço.

Estas machinas, elegantes, portateis, e mui solidas, não fazem bulha que incommode, nem deixam sair poeira, podem ser collocadas onde se quizer, e pulem de tal sorte as facas, que as mais velhas parecem novas. Um rapaz póde limpar e polir, sem se

cansar, dez facas em menos de um minuto. É notorio que os cabos de marfim se embaciam e sujam com o calor da mão, quando os limpam. Mas na machina basta apenas tocar-lhes; conservam-se pois muito mais tempo, e as folhas duram tambem mais do que areiadas de outro qualquer modo.

Estas machinas não são susceptiveis de se quebrar, e com mui pequeno dispendio se póde substituir, uma ou duas vezes por anno, o pó de polir.

A sua efficacia reconhecida, e grande solidez, as tornam um movel necessario.

O seu uso é mui facil; basta introduzir as facas, pelas folhas, nas aberturas para este effeito destinadas, e dar algumas voltas á manivella, para as facas saírem brilhantes como novas sem se gastarem, nem sujarem nos cabos.

Em Inglaterra só na construcção de taes machinas se empregam mais de 50 operarios; e a experiencia todos os dias confirma a utilidade do seu emprego.

As machinas para areiar 5 facas ou garfos ao mesmo tempo vendem-se por 12\$000 réis, pouco mais ou menos, em París, nas officinas de S. Charles & Companhia.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

JUNHO 20

1762—Declaração de guerra da França a Portugal.

1451—Os florentinos são expulsos do territorio de Veneza.

1837—Sobe ao throno a actual rainha de Inglaterra.

21

1792—O povo prende Luiz XVI nas Tulherias.

22

1527—Morte de Machiaveli.

1648—Cromwell é nomeado vice-rei de Irlanda.

1812—Napoleão I declara guerra á Russia.

23

964—Tomada de Roma pelo imperador Othão I.

1828—O sr. D. Miguel é reconhecido rei de Portugal pelos tres estados.

1832—Parte dos Açores a expedição, capitaneada pelo sr. D. Pedro IV, que se destinava á reconquista das nossas liberdades constitucionaes.

24

1839—Batalha de Nisib, ganha por Ibrahim pachá, filho do celebre pachá do Egypto Mahommed Ali, contra os turcos.

69—Morte do imperador Vespasiano.

25

1081—Eleição do anti-papa Guiberto.

1813—Batalha de Tolosa entre o exercito luso-britannico e as tropas francezas.

26

1245—Concilio de Lyão presidido por Innocencio IV.

1541—Francisco Pizarro, o conquistador do Perú, é assassinado por Almagro.

27

1706—Entra em Madrid o exercito portuguez commandado pelo marquez das Minas.

28

1797—Os francezes apoderam-se da ilha de Corfú.

29

1235—Tomada de Cordova por D. Fernando I, o santo.

30

1094—Conquista de Valencia pelo famoso Cid.

1520—Morte de Montezuma, imperador do Mexico.